

# CARACTERIZAÇÃO RACIAL DA DOENÇA FALCIFORME (DF) NO ESTADO DO CEARÁ

Rosalice Araújo de Sousa Albuquerque<sup>1</sup>; Macedonia Pinto dos Santos<sup>2</sup>; Edina Maria Araújo<sup>3</sup>; Maria Eunice Nogueira Galeno Rodrigues<sup>4</sup>; Ilvana Lima Verde Gomes<sup>5</sup>

**INTRODUÇÃO:** A DF é um termo universal, que engloba um grupo de anemias hemolíticas hereditárias marcadas pela produção de uma hemoglobina anormal (SERJEANT, 2013). Conforme Ferreira (2012), no Brasil a miscigenação entre os povos colonizadores favoreceu a disseminação dos genes anormais, principalmente aqueles que originam as falcemias e as talassemias, fazendo do transtorno falciforme a doença hereditária monogênica mais comum no nosso país. **OBJETIVO:** Caracterizar o perfil epidemiológico racial da Doença Falciforme no estado do Ceará. **MATERIAIS E MÉTODOS:** Trata-se de um estudo descritivo, ecológico com abordagem quantitativa, foram selecionadas no estado do Ceará, três unidades de referência, do Sistema Único de Saúde (SUS) que atendem pessoas com DF: Centro de Hematologia e Hemoterapia do Ceará (HEMOCE), Hospital Infantil Albert Sabin (HIAS) e Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC). Para o estudo, foi considerada a população de indivíduos diagnosticados, sendo estes acompanhados nos centros de referências selecionados. Foram coletadas 775 fichas de casos, desses, 107 estavam dentro do critério de exclusão, ou seja, registros sem data de nascimento, data de diagnóstico e os casos duplicados definindo a amostra da pesquisa em 668 casos. A coleta foi por meio dos formulários dos sistemas de cada unidade de referência e ocorreu de maio a novembro de 2018, sendo realizada uma análise univariada, com frequências absolutas e relativas das variáveis coletadas. A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UECE com parecer de nº 2.551.720. Ressaltando que este relato trata-se de um recorte de uma pesquisa maior, realizado pelo grupo de pesquisa da UECE. **RESULTADOS:** Em relação à raça, 69,0% se declarou parda, preta 9,1%, branca 7%, amarela 1%. Isso corrobora com alguns estudos que relatam maior prevalência da DF está nas pessoas da raça negra, porém não se pode excluir a possibilidade de pessoas com outro tipo de cor da pele apresentarem a DF. Destaca-se que 13,8% (92/668) não possuem informação da raça, dado este recomendado pelo Ministério da Saúde (MS) na elaboração de políticas públicas para a saúde por causa da miscigenação brasileira. O alto grau de miscigenação no Brasil dificulta a caracterização da raça dificultando programas para a saúde da população negra em todo o país. Segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), a Região Nordeste detém 38,4% de todos os residentes do Brasil, que se declaram de cor parda e com 34,8% cor preta e que o Ceará ocupou o 8º lugar na proporção de residentes que se declararam nessa categoria, parda (CEARÁ, 2012). **CONCLUSÃO:** Conclui-se que o maior número de pessoas com doença falciforme no